



Ciberativismo: A extensão da militância no espaço virtual

Abiglacy RODRIGUES¹

Julianna Formiga Moura SINVAL²

Faculdades Nordeste - Fanor, Fortaleza, CE³

Resumo

Os blogs ao longo do tempo se apresentaram como um meio facilitador nos processos de produção e disseminação de conteúdo dos movimentos sociais e organizações civis. Fazendo uso das ferramentas da web 2.0, foi possível dar uma maior visibilidade às lutas, denúncias e reivindicações dos sujeitos atingidos e vulnerabilizados pelas injustiças socioambientais. Nesse sentido, a pesquisa pretende elucidar a prática do Ciberativismo trazendo a experiência do blog do GT de Combate ao Racismo Ambiental, uma ferramenta digital de caráter mobilizador, resultado de um trabalho coletivo e de resistência.

Palavras-chaves: Ciberativismo; blog; racismo ambiental; movimentos sociais

Introdução

O advento da Internet surgiu como um meio facilitador no processo de produção e difusão de conteúdo, contribuindo para a pluralidade de vozes no ambiente virtual. O desenvolvimento dessa tecnologia especificamente mudou de forma estruturante a distribuição de informações e a multiplicação destas, o que alterou profundamente as práticas comunicacionais. No entanto, essa ferramenta ainda permanece longe de atingir hegemonicamente todos os cidadãos, e seu acesso ainda é permeado de obstáculos, principalmente econômicos o que impede assim alcance completo. O juízo positivo sobre a internet também não é um consenso entre estudiosos; muitos apontam problemas sociais causados pelo exagero da sua utilização.

Conforme Rigitano (2003, p. 02) apesar dos desafios postos, a web desempenha um papel significativo para os grupos organizados

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Fanor, email: abyrodrigues@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora de Semiótica, Cibercultura e Webjornalismo do Curso de Jornalismo da Fanor, email: juliannaformiga@hotmail.com



É possível ser dito que a Internet se constitui uma ferramenta imprescindível para as lutas sociais contemporâneas, já que facilita as atividades (em termos de tempo e custo), pode unir e mobilizar pessoas e entidades de diferentes localidades em prol de uma causa local ou transnacional, bem como quebrar o monopólio da emissão e divulgar informações “alternativas” sobre qualquer assunto.

Além desses fatores, os meios de comunicação tidos como tradicionais precisaram se adaptar as mudanças ocasionadas pelo uso crescente da internet na vida dos indivíduos e aperfeiçoar suas técnicas à nova realidade que se impôs. Dessa forma, aqueles que não conseguiam incidir suas pautas nos grandes jornais, tvs e rádios, perceberam no meio virtual a chance de se tornarem também emissores e conseqüentemente conquistarem adeptos, dando condições para novas formas de articulação de informações. É importante destacar que os meios de comunicação de massa são orientados por uma ordem econômica que se conflita com os ideais de cunho popular, cujo sentido implica na crítica ao *status quo* (LIMA e FONTENELE, 2009).

Uma das primeiras experiências que confrontou os meios de comunicação convencionais foi o blog, uma espécie de “diário virtual” criado em meados de 1997. Lemos (2009, p.09) comenta que a origem da expressão “blog” “vem de “weblog”, contração de “web” e “log”, criado por John Barger com o seu pioneiro *Robot Wisdom* em 17 de dezembro de 1997”. Ao longo dos anos a ferramenta passou por diversos aperfeiçoamentos tornando-se um fenômeno mundial e adquirindo múltiplas funções. Hoje, até os profissionais mais tradicionais se renderam às benesses do blog e perceberam a sua função somatória e não de disputa com meios já existentes. Como escreve Lemos (2009, p.09)

Agora, todos podem (com mínimos recursos) produzir e circular informação sem pedir autorização ou o aval a quem quer que seja (barões das indústrias culturais, *intelligentsia*, governos...). O fenômeno dos blogs ilustra bem essa cultura pós-massiva que tem na liberação do pólo da emissão, na conexão telemática e na reconfiguração da indústria cultural seus pilares fundamentais.

Vale lembrar que melhorias para uma maioria podem colocar em risco os interesses de uma minoria. O uso ativista dos blogs coleciona em sua curta história uma série de episódios envolvendo censura e política. Muitos blogueiros sofrem repressão em seus



países e têm suas páginas censuradas, apontando que a liberação da emissão tem uma forte conotação política, ou seja, permitir o compartilhamento e a conexão de informações possuem um apelo de mudança social (LEMOS, 2009).

Essa prática de ativismo na web denomina-se Ciberativismo com o objetivo de “divulgar causas, fazer reivindicações e organizar mobilizações” (VASCONCELOS, 2008). Ressaltamos que a internet funciona como um meio de difusão e troca de conhecimento, e como um canal que é, ele não pode ser confundido com a própria ação da militância.

Organizações e Movimentos e sociais no uso das ferramentas digitais

As novas tecnologias do campo da comunicação se configuram como instrumentos estratégicos para as demandas dos movimentos sociais e organizações civis. A enorme onda de insatisfação diante do cenário atual de injustiças e desigualdades sociais fomentou a criação de uma grande rede de agrupamento dos atores políticos para que estes somassem forças e conquistassem legitimidade.

Machado (2007) destaca a importância do critério “organização” para que a ação de resistência seja eficaz

tradicionalmente muitos governos e corporações conseguiam impor medidas contra os interesses coletivos, devido a crença de incapacidade de organização e resistência dos afetados.(...) Contudo, com o uso criativo das tecnologias de informação e comunicação, ações específicas e circunstanciadas podem gerar um agregado de peso de forças contrárias de alcance *global*.

Práticas individuais e isoladas desses coletivos normalmente não alcançam a repercussão e apoio necessário para as suas causas, percebendo isso foram incentivadas “extensas redes de solidariedade de natureza identitária” (Machado, 2007), o que possibilitou o fortalecimento desses grupos. Nesse sentido, podemos trazer ao debate a teoria de Esfera Pública criada por Habermas, que, segundo ele, precisa ser “uma rede para a comunicação de conteúdos, tomadas de posições e opiniões, onde os problemas elaborados pelo sistema político encontram eco” Habermas (*apud* MILHOMENS, 2009, p.04). Ainda segundo Habermas, as “esferas públicas” encontradas no interior dos grupos organizados elaboram pautas que podem alcançar a “esfera pública geral”, como a grande imprensa. Podemos concluir com isso que os envolvidos neste processo interferem no método comunicativo e, por consequência, na Esfera Pública ou, nas Esferas Públicas (MILHOMENS, 2009).



Espaços virtuais como os blogs, sites, chats, listas de discussão, por exemplo, funcionam também como verdadeiros *lobbies* (ou *advocacy*) para os movimentos e organizações sociais. Trata-se de um instrumento de relevante nível comunicacional, responsável por conectar e atrair outros sujeitos de lutas semelhantes. Machado (2007) chama atenção para a “tendência das organizações serem cada vez mais horizontais, menos hierarquizadas, mais flexíveis, com múltiplos nós, conectadas a numerosas micro-redes ou células que podem ser rapidamente ativadas”. Essas formas de atuação foram ainda mais reforçadas pelo uso contínuo da Internet, ou seja, os coletivos sociais entenderam a necessidade da interconexão nesse universo de intercâmbio instantâneo de informações, como afirma Denis de Moraes (*apud* CAPUTO, 2008, p.47)

Problemas, conflitos, negociações e encaminhamentos adquirem proporções imprevistas, não raro planetárias, requerendo respostas de igual amplitude. O que pressupõe articular reações e propostas numa velocidade e numa dimensão compatíveis com as sucessivas demandas. Daí porque a organização em redes, dentro e fora da Internet, se revela inovadora. Elas facilitam a intercomunicação de indivíduos e agrupamentos heterogêneos que compartilham visões de mundo, sentimentos e desejos.

É fato que o conflito e disputas entre a luta popular e o poder hegemônico há algum tempo vem acontecendo em outro campo: do conhecimento. As ações predatórias da classe dominante adquiriram ares mais sofisticados de atuação, manifestando sua violência raramente de forma explícita, haja vista a indesejável impressão negativa por parte da sociedade. Dessa forma, os coletivos organizados precisaram adaptar suas estratégias de luta para poderem disputar com condições mínimas de igualdade. A utilização da internet veio comprovar isto, quando a distribuição e produção e circulação de informações conseguem aproximar pessoas e assim articular mobilizações que venham reagir às situações de injustiças.

O conhecimento e a informação tornaram-se recursos eficazes nos processos de mudança social. Por isso, é perceptível a assimilação dos meios de comunicação por parte dos movimentos sociais “cujo poder de persuasão pode ser, por vezes, muito mais poderoso do que, por exemplo, o uso da força” (Machado, 2007).

Conceitos norteadores do Ciberativismo

Antes de adentrar no universo particular da prática do ciberativismo, é preciso compreender melhor os estudos em torno do ciberespaço e da cibercultura. Para isso,



entendemos que as tecnologias nada mais são que uma extensão nossa no espaço virtual e não algo à parte da nossa realidade física. É o que defende Pierre Levy (1999, p. 17) quando afirma que “a técnica é um ângulo de análise dos sistemas sócios-técnicos globais que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos, e não uma entidade real(...) que teria efeitos distintos e agiria por vontade própria. O autor ainda relembra que qualquer que seja a atividade humana, ela engloba três fatores:

- pessoas vivas e pensantes
- entidades naturais e materiais
- ideias e representações

Ou seja, a ação ocorrente no ambiente virtual também possui essas características, afinal trata-se de instrumentos manipulados por humanos de acordo com seus interesses. Outro aspecto interessante de estudo, trata-se da nova dimensão de “lugar” que o ciberespaço ofereceu para os indivíduos. É inegável a superação das fronteiras de espaço quando falamos de tecnologias virtuais, mas o assunto ainda causa polêmica entre alguns “autores que defendem que as verdadeiras ações coletivas estão baseadas em relações face-a-face”. (Tarrow *apud* RIGITANO, 2003).

Tentando esclarecer essa questão, André Lemos traça um paralelo entre o ciberespaço com as cidades urbanas, assemelhando as suas características principais

A cidade e as cibercidades devem ser vistas como formas espaço-temporal que se constroem pelo movimento: transporte e comunicação. No processo de virtualização das cidades, deve acontecer, para que as cibercidades possam ser assim chamadas, formas de transporte e comunicação, onde os percursos de pessoas pelo espaço informativo a partir de trocas comunicacionais possa se inserir em trocas de informação entre elas. (LEMOS, 2000, s.p)

E são nas cibercidades que o ativismo também encontrou espaço de ação. Aptos a contrapor e apresentar sua insatisfação face à dinâmica social vigente, o ciberativismo aperfeiçoou seus meios tradicionais de comunicação e aderiu às redes de articulação ocorrentes na virtualidade. O surgimento do ciberativismo aconteceu na década de 90, motivado pela crescente aquisição de computadores pessoais na época em todo o mundo, mas seu primeiro auge ocorreu no interior do movimento Zapatista, no México. No mesmo período, algumas ONGs começaram a fazer uso dos meios digitais no intuito de chamar a atenção para suas causas (Cavalcante, 2010). Isto aconteceu graças “a criação de novos softwares cada vez mais sofisticados e o barateamento de



equipamentos que aumentou o número de pessoas com acesso à rede, abrindo ainda mais o mercado da informação e do conhecimento” (LÉVY, p.44,1999).

Em sua análise, Rigitano (2003) aponta nos principais objetivos do ciberativismo a capacidade de “difundir informações e reivindicações sem mediação, com o objetivo de buscar apoio e mobilização para uma causa; criar espaços de discussão e troca de informação; organizar e mobilizar indivíduos para ações e protestos on-line e off-line”. Além de todos esses fatores, essa sociabilidade na web desencadeia uma solidariedade mútua entre os ativistas que redistribuem as informações compartilhadas aumentando as suas ramificações de alcance.

Segundo Moraes, teórico do campo de cibercultura, o movimento social na internet tem papel estratégico no enfrentamento ao discurso hegemônico

“O ciberativismo alicerça campanhas e aspirações à distância, no compasso de causas que se globalizam (combate à fome, defesa do desenvolvimento sustentável, preservação do equilíbrio ambiental, direitos humanos, luta por um sistema de comunicação pluralista). As entidades civis valem-se da Internet enquanto canal público de comunicação, livre de regulamentações e controles externos, para disseminar informações e análises que contribuam para o fortalecimento da cidadania e para o questionamento de hegemonias constituídas.” (MORAES *apud* CAVALCANTE, 2010, p. 41).

Sobre o debate em torno do ciberativismo Moraes é otimista, no entanto, ele lista alguns desafios postos para a militância na web

a definição de estratégias de comunicação que aproveitem plenamente as potencialidades criativas e interativas das tecnologias multimedia; o aumento substancial do número de usuários, o que depende da superação de entraves econômico-financeiros (custos de computadores, modems, linhas e tarifas telefônicas, provedores de acesso); e uma melhor formação para os ciberativistas, com simplificação de procedimentos informáticos, cursos e treinamentos (MORAES *apud* CAVALCANTE, 2010, p. 42).

Uma experiência de Ciberativismo: Blog do GT de Combate ao Racismo Ambiental

Antes de apresentar o objeto de estudo, no caso o blog, faz-se necessário os devidos esclarecimentos sobre o título que este carrega: Racismo Ambiental. A expressão é recente e ainda passa por processos de elaboração e entendimento. O conceito nasce no



bojo da continuação das lutas pelos direitos civis dos negros norte-americanos, quando descobrem que a maioria absoluta dos rejeitos tóxicos e contaminantes estão sendo enterrados em bairros por eles habitados. A expressão é criada pelo Reverendo Benjamin Chavis, em Warren County, Carolina do Norte, durante uma grande manifestação, em 1982, impedindo mais uma chegada de caminhões com lixo contaminado. Será a partir dela - e da descoberta de que essa situação se repete em outros estados e regiões - que o movimento contra o Racismo Ambiental irá ganhando força, já com a sua concepção ampliada para além dos negros (incluindo também indígenas, latinos e asiáticos) e da contaminação tóxica. A inclusão de novos adeptos, principalmente acadêmicos e ambientalistas, levará à criação de outro conceito: o de Justiça Ambiental (PACHECO, 2009).

Entender o racismo e o meio ambiente como dois fatores particulares sem qualquer relação é comum. O vínculo entre os dois conceitos a princípio é desconhecido, ou mesmo é enfrentado sem o esforço de busca por definição. O GT Combate ao Racismo Ambiental dá a respeito a seguinte definição, que pode ser lida no Blog: “Chamamos de Racismo Ambiental às injustiças sociais e ambientais que recaem de forma implacável sobre grupos étnicos vulnerabilizados e outras comunidades, discriminadas por sua origem ou cor”. Dessa forma, percebe-se que há grupos específicos mais atingidos pelos impactos ambientais devido às fragilidades às quais estão expostos. Ao observarmos esta realidade, encontramos como alvo do racismo ambiental povos indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais e as populações mais pobres das cidades, em geral negras ou, em se tratando do Sul/Sudeste, também provenientes do Norte e Nordeste. Em todos os casos, trata-se de grupos sociais historicamente marginalizados e discriminados (FAUSTINO, 2010).

Diante desse quadro, fica como desafio visibilizar a resistência dessas populações e problematizar as questões que permeiam o significado do Racismo Ambiental. Os meios digitais surgem assim como facilitadores no processo de articulação de ideias e troca de informações sobre os diversos casos de injustiça ambiental que acometem determinadas populações.

O Blog do GT de Combate ao Racismo Ambiental foi lançado oficialmente em dezembro de 2009, por Tania Pacheco (integrante do GT Combate) e Ricardo Álvares, conselheiro gestor do Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (CEDEFES). No entanto, a ideia surgiu em 2007 quando o GT passava por dificuldades diversas,



políticas e de manutenção. Este fora criado em 2005, no campo da Rede Brasileira de Justiça Ambiental (RBJA) com os seguintes objetivos

(...) reunir denúncias, promover articulações, definir estratégias, campanhas e outras ações de luta contra as injustiças ambientais que recaem predominantemente sobre grupos étnicos vulneráveis. Funcionando também como um fórum de divulgação de informações sobre situações de conflitos e processos políticos de resistência, o GT é integrado por entidades e indivíduos ligados diretamente à luta contra o Racismo Ambiental, nas suas diferentes manifestações. (Blog do GT de Racismo Ambiental)

Na época, Tania era a única coordenadora, o que significava na prática cuidar da lista de discussão, alimentá-la, provocar debates, propor apoios e campanhas, etc. Então, como o tema de combate ao racismo ambiental era o objetivo central, optou-se pela criação de um blog que garantisse a continuidade do debate, caso algo acontecesse ao GT.

O processo de criação levou dois anos, Tania Pacheco relembra os principais desafios para a construção do blog:

Registrei o domínio, aluguei uma hospedagem e, sem falar com ninguém, fiquei dois anos tentando construir o site. Como não tinha nenhuma experiência a respeito, claro que não consegui ir muito além da definição do que pretendia e de algumas tentativas de formatação. Em junho de 2009, quando a atual Coordenação Colegiada já havia sido constituída, um dos coordenadores - Ricardo Álvares, do CEDEFES -, ao saber dessa história decidiu assumir comigo o desafio. (Tania Pacheco, entrevista, junho de 2011)

De início, a atualização do blog era feita com base nas listas de e-mails que os dois coordenadores participavam, começando pela do próprio GT de Combate ao Racismo Ambiental e por alguns boletins, como os da *Adital*, *Ecodebate* e *Unisinos*. Depois, foram acessadas listas da América Latina, além da ampliação de assinaturas de boletins. Dessa forma, Tania Pacheco selecionava as notícias e postava no blog, segundo ela: “dentro de uma visão ampla, uma vez que o Racismo Ambiental é parte de um todo que necessita ser mudado”.

Hoje, o contexto é bastante diferente. O Blog recebe notícias e artigos enviados espontaneamente por pessoas e entidades que não têm qualquer relação com o GT



Combate ou com a RBJA. E, embora a maioria seja enviada do Brasil, há também material que chega do exterior. Há inclusive, alguns “fornecedores” fiéis de notícias, dos quais se sabe muito pouco, exceto o fato de que se consideram companheiros/as de luta, e que o Blog se apresenta como um instrumento importante para esse intercâmbio. Martín-Barbero (*apud* Nasi e Raddatz, 2009, p.03) afirma que esse “novo modo de produzir, confusamente associado a um novo modo de comunicar, transforma o conhecimento num força produtiva direta”.

O blog se configurou como um meio de fomento para o debate sobre o Racismo Ambiental considerando sua potencialidade de agregar uma expressiva quantidade de produção de textos. O blog também visa denunciar outras questões como injustiças e desigualdades no contexto mais amplo, ora de forma mais pontual, em outras de maneira mais geral. Além de notícias e artigos que obedecem um padrão formal de escrita, as notas de repúdio, os manifestos e as cartas de reivindicação são outros modelos de textos geralmente elaborados por movimentos sociais que possuem espaço garantido no blog.

Sobre o alcance e representação que o Blog já demonstrou, Tania Pacheco revela:

Há situações curiosas, como a de recebermos notícias de entrevistas, denúncias ou, até, informes sobre ações judiciais nas quais o conceito de Racismo Ambiental foi empregado de forma para nós surpreendente. É o caso, por exemplo, da ação que o Ministério Público Estadual do Espírito Santo está movendo contra a transnacional Arcelor Mittal: em março deste ano, o promotor Gustavo Sena acusou a siderúrgica de cometer Racismo Ambiental, ameaçando inclusive denunciá-la ao Parlamento Europeu. (Tânia Pacheco, entrevista, junho de 2011)

Outro ponto que Tania Pacheco destaca no blog é sua função de apresentar fatos dificilmente divulgados pela a imprensa

(...) no blog (assim como em outros blogs e sites igualmente comprometidos com a informação e a democracia) estão notícias que não interessam aos grandes meios de comunicação ou, quando são por eles publicadas, isso acontece de forma distorcida a serviço do capital que os financia. E isso é reconhecido das mais diferentes formas, dos “Comentários” às listas e até por depoimentos diretos de amigos/as e de companheiros/as de luta. (Tania Pacheco, entrevista, junho de 2011)



O Blog raramente publica menos de 30 notícias por dia, divididas em duas edições. Com essa dimensão, houve a necessidade de se contratar uma pessoa para ajudar na atualização, por enquanto ainda sob uma razoável supervisão.

No acesso à página: www.racismoambiental.net.br o visitante encontra a seguinte organização

- Na parte superior: espaço de pesquisa por palavras-chaves e banners que oscilam imagens de populações tradicionais e paisagens do campo, semiárido, etc. Logo abaixo vemos as categorias: *Home* (início), Quem é o GT Combate, I Seminário (com vídeos de depoimentos do I Seminário Brasileiro contra o Racismo Ambiental, em novembro de 2005, em Niterói.), II Seminário (contém a Carta de Fortaleza, documento final do encontro e fotos do Seminário), Textos e Artigos (autores: Cristiane Faustino, Tânia Pacheco e Ricardo Álvares), Relatórios (relatoria e fotos das oficinas ocorridas no Nordeste e registro do encontro com advogados da RENAP – Rede de advogados Populares) e o Boletim Combate ao Racismo Ambiental, onde o internauta faz sua inscrição e recebe por e-mail uma ou duas edições diárias (exceto sábados, domingos e feriados), com os títulos das matérias postadas e links que levam diretamente a elas.

- Na coluna esquerda, encontramos uma variedade de informações sobre o blog, uma abaixo da outra. São elas: a definição de Racismo Ambiental; Box das Últimas Notícias; o link para rede social Twitter; o convite para a assinatura do Boletim Combate; o Atenção Especial, que funciona como um espaço de apoio e mobilização para alguma campanha específica; a seção Categorias dividida pelas temáticas que o blog abrange; o espaço Memória, onde o internauta busca a notícia pelo mês de publicação, desde a criação do blog; o Assuntos mais Abordados fazendo uso da nuvem de *tags*; Comentários Recentes; o link Conflitos Ambientais contendo o Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde; a seção Indicamos com links para páginas virtuais de parceiros; o Visitas Recentes com a localização de países e cidades do mundo que acessaram o blog; o Tráfego Atual, um espécie de rastreamento dos internautas que visitaram o blog; o box Mais Visitadas Hoje, referente as notícias mais visualizadas em porcentagem e por fim a janela Notícias Postadas Dia a Dia, por meio de um calendário que exhibe as matérias publicadas por dia.



- Na parte central estão as notícias contendo data e horário de postagem, link para comentários, e abaixo delas, a categoria à qual pertence seguida das palavras chaves para busca.



Página Inicial do Blog de Combate ao Racismo Ambiental

O *layout* do blog apresenta cores e recursos simples, prezando pela “limpeza” visual da página. Ao analisarmos suas ferramentas é perceptível uma preocupação em identificar e localizar os visitantes além de gerar o máximo de interação possível por meio das seções de comentários, visitas recentes e tráfego atual. Araújo (2010, p. 2004) afirma que o aparecimento dos comentários nos *posts* é um atributo marcante dos blogs e da *Web 2.0* e justifica:

Essa interação e colaboração fazem com que o leitor passe imediatamente de uma condição passiva para a condição ativa de produtor de conteúdo, pois quando deixa um comentário expressa sua opinião. A partir dessa simples ação torna-se possível o compartilhamento de informação e conhecimento

Podemos observar os múltiplos interesses que o blog desperta em públicos distintos. Seu apelo vai de acordo com o perfil destes. Sobre isso Tania Pacheco aponta

Não conheço sequer 10% das pessoas que escrevem. Não sei onde moram, exceto quando isso está implícito no que escrevem. São pessoas de todos os tipos: algumas mostram dominar conhecimentos especializados de nível superior, enquanto que outras têm razoável dificuldade para se expressar, mas o importante é que o fazem. De repente, dá para reconhecer funcionários públicos, acadêmicos, índios, quilombolas, pessoas que se pronunciam, se indignam, parabenizam, se solidarizam... (Tânia Pacheco, entrevista, junho de 2011)



A visibilidade do blog é crescente, são aproximadamente sete mil acessos semanais, durante os quais, cerca de 5.200 páginas são baixadas. Considerando a existência de um ano e meio, o resultado é considerado positivo. Um fator relevante é o fato do blog ter se tornado uma referência, não só sendo citado como, ainda, replicado por outros blogs e sites, com os devidos créditos. Entre as seções mais lidas estão: Textos e Artigos; os Relatórios das Oficinas realizadas no Nordeste e do Encontro com os Advogados e por fim a aba de apresentação “Quem é o GT Combate”.

Considerações finais

Apresentadas as principais questões que orientam a prática do ciberativismo, ficou clara a sua contribuição para o desenvolvimento de ações de cunho popular democrático. A abordagem dada pelos meios tradicionais às lutas dos coletivos não dão conta da sua (re)dimensão, e não raras são as vezes em que estes são criminalizados. Foi necessária a apropriação de novos espaços para a difusão de ideias que colaborasse no intercâmbio de informações de maneira mais livre e plural.

Diante do verdadeiro alvoroço causado pela Internet, a mídia convencional precisou se adaptar às novas formas de comunicar e assim o fazer comunicativo sofreu mudanças a partir das novas tecnologias, alterando profundamente o comportamento da sociedade no fim do século XX.

O blog de Combate ao Racismo Ambiental é exemplo de uma ferramenta da web que teve sua origem em um grupo de trabalho que visando dar mais visibilidade ao tema de Racismo Ambiental, apostou na página virtual. O blog foi uma das primeiras experiências bem sucedidas de interatividade entre a internet e o indivíduo, essa espécie de diário consegue reunir diferentes linguagens, entre textos, vídeos, fotos, áudio, etc. No o estudo de caso apresentado neste artigo, a experiência rendeu resultados inesperados e hoje tem um alcance além do previsto, atingindo ativistas de até outros continentes.

Com a crescente onda de injustiças socioambientais, os movimentos sociais e organizações civis precisaram rejuvenescer as suas metodologias, principalmente no que se refere a comunicação com a sociedade, procurando transmitir da melhor forma o seu discurso.



O desafio de colocar em pauta a negação de um modelo de desenvolvimento baseado em desigualdades étnicas e sociais, que viola o direito à vida de milhares de povos é tarefa que a cibermilitância vêm procurando executar, seja *on* ou *off line*.

REFERÊNCIAS

NASI, Lara; RADDATZ, Vera Lucia Spacil. **Ciberativismo: espaço de comunicação e militância na Internet**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1536-1.pdf>. Acesso em: 24 de junho de 2011.

Site do GT de Racismo Ambiental. Disponível em: <http://racismoambiental.net.br/quemsomos/>. Acesso em: 01 de julho de 2011

PACHECO, Tania. 2007. **“Inequality, Environmental Injustice, and Racism in Brazil: Beyond the Question of Colour”**. In: *Development in Practice*. Aug.2008, Vol.18(6). Versão em português disponível em <http://racismoambiental.net.br/textos-e-artigos/tania-pacheco/desigualdade-injustica-ambiental-racismo/> - “Desigualdade, injustiça ambiental e racismo: uma luta que transcende a cor”.

FAUSTINO, Cristiane. 2010. **“Fortalecendo argumentos e enfrentando o Racismo Ambiental: entrevista com Cris Faustino”**. Disponível em <http://racismoambiental.net.br/textos-e-artigos/cristiane-faustino/fortalecendo-argumentos-e-entrevista-com-cris-faustinnfrentando-o-racismo-ambiental/>. Acesso em : 08 de julho de 2011

ARAÚJO, Paula Carina de. O Blog **“Na Era Da Informação” Como Ferramenta De Compartilhamento De Informação, Conhecimento E Para A Promoção Profissional** . Disponível em http://www.revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/viewFile/676/pdf_26. Acesso: 27 de junho de 2011

VASCONCELOS, Yuri. **O que é ciberativismo?** Disponível em < http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/conteudo_281598.shtml >, 2008. Acesso: 07 de julho de 2011

RIGITANO, Maria Eugenia Cavalcanti. **Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rigitano-eugenia-redes-e-ciberativismo.pdf>. Acesso em: 07 de julho de 2011

LIMA, Francisco Anderson Gomes de; FONTENELE, Klycia. **A Comunicação Comunitária na internet: A experiência da Associação UMLAW**. Disponível em:



<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1986-1.pdf>. Acesso em: 30 de junho de 2011

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel. **Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação**. Sandra Montardo (orgs.)- São Paulo: Momento Editorial, 2009.

MACHADO, J. A. S. **Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais**. Sociologias n.º.18 Porto Alegre Jul/Dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222007000200012&script=sci_arttext> Acesso em: 24 de junho de 2011

CAPUTO, Marta Vieira. **Comunicação e ciberativismo: boicotes: novas práticas para o exercício da cidadania**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2008. Disponível em: http://www.faac.unesp.br/posgraduacao/Pos_Comunicacao/pdfs/marta_vieira.pdf. Acesso em: 20 de junho de 2011

MILHOMENS, Lucas. **Mst, Esfera Pública E Ciberativismo: um novo espaço para o debate**. Revista Conexões Midiáticas. N.º 01, 2009. Revista dos alunos do programa de pós graduação em comunicação da UFPB. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/P%C3%A1ginas%20novas/mst_ciberativismo_milhomens.pdf> Acesso em: 04 de julho de 2011

LEMONS, André. **Cibercidades**. 2000. Disponível em: <http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/ICIEPA/UNPAN005410.pdf>. Acesso em: 06 de julho de 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

CAVALCANTE, Rebeca Freitas. **Ciberativismo: Como As Novas Formas De Comunicação Estão A Contribuir Para A Democratização Da Comunicação**. Disponível em: <http://run.unl.pt/bitstream/10362/5305/1/rebeca.pdf>. Acesso em: 07 de julho de 2011